

Arrastão em Paris: um estudo da cobertura do Jornal O Globo sobre as manifestações dos estudantes franceses em março de 2006¹

Ricardo Ferreira Freitas²

Roberta Lessa³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Neste trabalho, são estudadas algumas representações sociais que a mídia ajuda a construir sobre a violência na contemporaneidade. O jornalismo impresso tem cedido cada vez mais espaço aos fatos relacionados à violência urbana. Este artigo comenta algumas representações sobre as manifestações dos estudantes na França, nos meses de março e abril de 2006, no jornal O Globo. Entre outros aspectos, é analisada a valorização da violência como conteúdo principal das matérias sobre as reivindicações dos estudantes, em detrimento das questões trabalhistas e estudantis que originaram o conjunto de protestos.

Neste estudo, a violência é o assunto escolhido para o desenvolvimento de uma melhor compreensão sobre a construção do imaginário da metrópole contemporânea. Assim, recorreremos às ciências sociais e às teorias da comunicação como bases teóricas de compreensão e análise das questões suscitadas.

Palavras-chave

Comunicação; cidade; violência; jornal; trabalho

Introdução e justificativa

¹ Trabalho apresentado ao NP Comunicação e culturas urbanas, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006.

² Ricardo Ferreira Freitas é professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Doutor em sociologia pela Universidade Paris V/Sorbonne, mestre em comunicação e cultura pela ECO/UFRJ e graduado em relações públicas pela Uerj. Autor de *Centres commerciaux: îles urbaines de la post modernité*. Paris, L'Harmattan, 1996. Organizador, com Luciane Lucas, de "Desafios contemporâneos em comunicação". São Paulo, Summus editorial, 2002. Em 2005, lançou, com Rafael Nacif, a coletânea "Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura". EDUERJ, 2005. Email: rfreitas@mls.com.br

³ Roberta Lessa é bolsista de Iniciação Científica, Pibic/CNPq, no projeto de pesquisa "Entre grades e muros: um cenário de comunicação, consumo e lazer na Barra da Tijuca". É aluna de graduação do curso de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social da Uerj. E-mail: roberta_lessa@terra.com.br

A capital do século XX é Paris – ou seja, uma metrópole vista como mercadoria luminosa e poderosa -, não suas fábricas. Suas alamedas político-militares, as caricaturas animistas de Grandville ou as prostitutas... E é Paris, para Walter Benjamin, que deve ser libertada (ou redimida) de seus fetiches, não o Crédit Immobilier, a Citroën ou a Gaumont. (Canevacci, 2005, p.25)

As grandes cidades são fascinantes. Vozes em todos os tons, as mais variadas cores, inesperados movimentos. Inúmeras manifestações habitam suas ruas e construções em uma interminável ópera genial e imprevisível. As palavras, as coisas e os corpos brincam e brigam com a arquitetura e as paisagens em um jogo que constrói e ao mesmo tempo retrata a comunicação de cada época. A cidade toma conta de nossas vidas, ela faz parte de nossas histórias. Daí o desejo do homem, impossível de ser saciado, em dominar ou compreender sua polifonia.

Estudar os meandros que permeiam as narrativas urbanas e tentar interpretá-las pelo viés da teoria da comunicação é um grande desafio que nos seduz. Pensar a comunicação e a cidade implica transitar por outras áreas de conhecimento como a sociologia, a antropologia, a geografia, a arquitetura, a história, a estatística, entre tantas (Morin, 1977, p. 19). Acreditamos na importância desta circularidade e na multiplicidade de interpretações científicas. Por isso, nosso interesse pelo agir urbano. As surpresas que as cidades nos oferecem com suas efervescências culturais são convites permanentes à paixão. Nesse panorama, entendemos a mídia como cúmplice das cidades, retratando-as ou transformando-as. Um cúmplice perigoso, é verdade, mas totalmente apaixonado. Essa mesma mídia que adora e idolatra as cidades tem mostrado cada vez mais um dos seus lados obscuros e pouco confortáveis: a violência.

Nas conversas de bares, em casa, na mídia, de diversas formas, o perigo é narrado ou anunciado. As agressões físicas e a morte são comentadas como ingredientes fatais e, obviamente, os mais temidos. A dor, sempre presente na história dos corpos humanos, parece ter se tornado elemento fundamental à construção das notícias que abordam a violência. Mesmo alguns jornais, como O Globo, que tradicionalmente se ocupavam mais de assuntos relacionados à política, à economia e à cultura, têm trocado alguns de seus espaços nobres para narrar cenas de ferocidade nas cidades. Nos periódicos franceses, como Le Monde, a situação não é muito distinta, apesar de algumas diferentes razões para o sentimento de insegurança.

Neste artigo, trabalhamos com a cobertura do jornal O Globo sobre as manifestações dos estudantes franceses em março e abril de 2006 contra a lei do Contrato de Primeiro Emprego (CPE). Nossa idéia é discutir novos dados acerca dos diferentes tipos de sociabilidade sugeridos pelas representações sociais que a mídia tem ajudado a estabelecer sobre a violência urbana. Assim, utilizamos as narrativas elaboradas em torno dessa temática, concentrando-nos nos movimentos de oposição que aconteceram nas cidades francesas. Partimos da hipótese que a mídia brasileira abordou as manifestações mais sob o prisma da violência urbana do que sob as questões emergentes do mundo do trabalho, que efetivamente constituíam-se como o centro das discussões e das reivindicações dos estudantes.

Nos meses de março e abril de 2006, a imprensa em geral relatou ao mundo arrebatadores detalhes das manifestações dos jovens em Paris e em outras cidades francesas. Segundo os jornais, tanto nos episódios nos subúrbios de Paris em 2005 como nos protestos dos estudantes em março de 2006, houve um importante índice de destruição de bens públicos e veículos, marcando essas manifestações com expressivos componentes de violência. Curiosamente, em boa parte das matérias do jornal francês Le Monde sobre esses eventos havia a informação se os bens destruídos estavam segurados ou não. Entre carros e lojas danificados, os estudantes com suas legítimas reivindicações se confundiam com pessoas que se aproveitavam da situação para exercer o poder da destruição, em muitos casos menos por motivos políticos do que pelo prazer das convulsões coletivas.

Diante das crescentes manifestações de violência (assaltos, homicídios, latrocínios, ataques terroristas, conflitos religiosos, arrastões, entre muitos outros) em inúmeras metrópoles do mundo e do destaque desses fenômenos nas mídias, acreditamos ser de fundamental importância que a academia aprofunde sua reflexão crítica sobre esses movimentos. Para isso, neste artigo, apresentamos uma rápida síntese de autores importantes a essa discussão e desenvolvemos um breve histórico dos episódios de interesse.

Entre a cidade e a violência: uma breve síntese bibliográfica

Nas última décadas, em cidades tão diversas como São Paulo, Los Angeles, Johannesburgo, Buenos Aires, Budapeste, Cidade do México e Miami, diferentes grupos sociais, especialmente das classes mais altas, têm usado o medo da violência e do crime para justificar tanto novas tecnologias de exclusão social quanto sua retirada dos bairros tradicionais dessas cidades. Em geral, grupos que se sentem ameaçados com a ordem social que toma corpo nessas cidades constroem enclaves fortificados para sua residência, trabalho, lazer e consumo. Os discursos sobre o medo que simultaneamente legitimam essa retirada e ajudam a reproduzir o medo encontram diferentes referências. (Caldeira, 2000, p. 09)

O atual estado de falta de qualidade de vida no cotidiano é um dos temas mais frequentes nas cidades. Na área de comunicação no Brasil, no entanto, pouco tem sido publicado no campo científico sobre a violência urbana, apesar da contribuição de importantes pesquisadores como Malena Contrera⁴, e seu trabalho sobre a mídia e o pânico, e Muniz Sodré (1992) que, em quase toda sua obra, aborda as diferenças sociais ao estudar os entrelaces de comunicação e cultura. Mesmo assim, falta-nos ainda arsenal teórico suficiente para podermos intelectualizar, à luz das teorias da comunicação, o quadro de violência tão presente nas diferentes mídias, seja como notícia seja como entretenimento.

Das ciências sociais, não obstante, podemos pedir emprestado o pensamento de grandes pesquisadores que têm contribuído para essa reflexão. Nessa perspectiva, destacamos a obra de Teresa Caldeira (2000), notadamente, suas reflexões sobre o enclausuramento voluntário dos moradores de São Paulo devido ao medo da violência na cidade aberta⁵. Néstor García Canclini endossa o pensamento de Caldeira quando acompanha a informação jornalística a respeito das grandes cidades latino-americanas e observa o crescimento das notícias sobre insegurança e violência, decomposição do tecido social e privatização do espaço público para, segundo ele, proteger o privado e o individual. Ele ressalta que estudos como os de Miguel Angel Aguilar, no México, e Teresa Caldeira, em São Paulo, mostram como os imaginários dessas megalópoles vêm

⁴ “Estamos todos acessíveis, mas não escapamos à violência; é um paradoxo, mas talvez justamente por estarmos assim tão acessíveis é que estejamos tão sujeitos a ela. De qualquer modo, quer gostemos quer não, a violência apresenta-se como uma realidade antropológica e nosso tempo não foge a ela”. (Contrera, 2002, p. 94)

⁵ “Os enclaves privados e fortificados cultivam um relacionamento de negação e ruptura com o resto da cidade e com o que pode ser chamado de um estilo moderno de espaço público aberto à livre circulação. Eles estão transformando a natureza do espaço público e a qualidade das interações públicas na cidade, que estão se tornando cada vez mais marcadas por suspeita e restrição” (Caldeira, 2000, p. 259).

sendo modificados pelas novas formas de segregação e violência. (Canclini, 2003, p. 163). O enclausuramento voluntário aparece como elemento fundamental do imaginário da metrópole contemporânea, reforçando o consumo de notícias e publicidades que tratem das temáticas da segurança e da violência.

Para Moscovici (2003), “as representações não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem” (2003, p. 41). A apropriação da informação pelos jornais é delimitada pelo formato editorial, mas, também é construída em função da experiência, dos valores e dos afetos de cada leitor. A violência, por sua vez, é um assunto carregado de experiência, valores e afetos, o que lhe confere o estatuto de objeto privilegiado para a compreensão das redes de comunicação que permitem a construção de representações sociais no cotidiano urbano. Em um viés bastante próximo, Maffesoli (1987), inspirado em Simmel, associa os fenômenos da violência à dissidência entre os atores ou a conflitos entre os mesmos. Nessa visão, só é possível perceber a violência e atuar contra ela se houver processos em comum entre as partes envolvidas, ou seja, é necessário que exista algum tipo de comunicação entre os atores antagônicos, caso contrário, não haverá sequer ambiente para o reconhecimento da dissidência, do conflito ou da violência. Em sociedades tecnocratas, a violência assume o lado maldito do conflito. Ela deve, portanto, ser combatida ou, buscando inspiração em Foucault (1975), controlada.

A mídia pode ser considerada na contemporaneidade um dos elementos tecnocratas de controle da violência ao denunciar jornalisticamente fatos ou propor alternativas, via publicidade, que distanciem o cidadão do conflito. No início do século XXI, a comunicação social ajuda a reestetizar a produção construindo uma variedade de discursos de consumo centrados na expansão de necessidades; a segurança é um dos principais motes. Com isso, generaliza-se o pânico e o medo, estimulando-se a pluralidade de produtos e serviços de segurança que ajuda a propiciar um certo sentimento de “não-acabamento” no cotidiano (Maffesoli, 1996, p. 87/201). No Brasil, isso se evidencia ao lermos os principais jornais de cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Brasília. Em todas elas, a violência é uma temática presente no

cotidiano e vive-se um estado de emergência que dá a impressão de nunca se ter tempo de finalizar as coisas já que sempre há de se escapar de algo. Ao mesmo tempo, para Maffesoli, a violência, renovada pela Internet e pelos pós-modernos ajuntamentos sociais, é um marco dos tempos, o que pode representar o início de um novo estágio de coisas, ou uma nova ordem mundial, para o bem ou para o mal (2002).

Para Peretti-Watel (2001) o risco assume, nos dias de hoje, importância de ordem tecnológica, social, ecológica e sanitária, entre outras. O sociólogo considera os riscos aos quais toda a humanidade está sujeita, como a questão da camada de ozônio e das grandes epidemias, mas também aquelas que ganham valor comunitário por fazerem parte da história social e cultural de um determinado grupo. Em bairros pobres de Paris ou nas favelas do Rio de Janeiro, por exemplo, a solidariedade entre os vizinhos substitui as apólices de seguros em casos de incêndio, inundação ou acidentes. Daí, as interrogações de Peretti-Watel sobre as categorizações objetivas levantadas pelos especialistas em Atuária que designam quais são os comportamentos e os grupos de risco.

Em todos esses autores, encontramos ambiente para contextualizar as coberturas dadas pela mídia a respeito das manifestações dos estudantes em Paris que, em muitas reportagens, valorizou a violência como aspecto mais importante da notícia. A partir do arcabouço teórico proposto, sintetizamos, a seguir, algumas das representações construídas pelo jornal O Globo sobre as manifestações dos estudantes e sindicalistas franceses contra o Contrato do Primeiro Emprego.

A lei, a origem dos protestos e as representações da mídia

“A violência em Paris é mais um capítulo na queda-de-braço entre interesses que se chocam sempre que reformas trabalhistas estão em pauta desde os anos 80”. (GALENO, Renato. O caminho do emprego na Europa. Jornal o Globo. Caderno o mundo 26/03/2006)

O mês de março de 2006 foi cheio de grandes emoções nas ruas das cidades francesas e mexeu com o brio de estudantes em vários outros lugares do mundo. A nostalgia dos movimentos de 1968, que também aconteceram em Paris e contagiaram toda uma geração de estudantes em inúmeros países, era constantemente lembrada pela

mídia e nas conversas das pessoas em lugares de encontro. A origem dessa mobilização dos estudantes franceses foi a lei que criava o Contrato de Primeiro Emprego (CPE). A lei havia sido aprovada no Parlamento francês, mas ainda não havia sido promulgada pelo governo quando os estudantes intensificaram os protestos, tomando conta das ruas de Paris e de várias outras cidades francesas.

A proposta principal desse contrato atingiria os menores de 26 anos que estivessem ingressando no mercado de trabalho. Durante os dois primeiros anos, que seriam uma espécie de período de experiência, os jovens poderiam ser demitidos sem usufruir dos direitos básicos do trabalhador francês em casos de quebra de contrato por parte da empresa. Em geral, o período de experiência na França é de três meses. Os empregadores que recorreriam à lei seriam pequenas empresas com até 20 funcionários que, com a implantação da regra, na visão do Poder Público francês, ficariam estimuladas a empregar mais jovens e incluí-los no mundo do trabalho. Porém, diversas organizações, sobretudo de ordem sindical e estudantil, eram radicalmente contra a implantação da lei em território francês, visto que a nova ordem implicaria um aumento de empregos precários.

É importante lembrar que a França é historicamente conhecida por seu poder de aglutinação da população em torno dos direitos dos cidadãos e que o alto índice de desemprego (9,6%; entre os jovens, passa de 20%)⁶ em comparação a outros países da União Européia tem incomodado muito a população francesa. Nesse quadro, o conjunto de manifestações e protestos que se desenrolaram na França, com ápice na segunda quinzena do mês de março e na primeira semana de abril de 2006, obviamente faz parte de uma luta maior pelos direitos humanos, o que é absolutamente esperado em território europeu.

Novos códigos de consumo envolvidos nos incidentes ganharam destaque nas imagens e nos textos das matérias. Um dos aspectos que salta aos olhos é a importância dada ao mundo dos seguros. Em 2006, na edição de 24 de março de *O Globo*, a manchete “Primavera do arrastão em Paris – Assaltantes se infiltram em protestos e fazem batalha campal na capital” chama a atenção da primeira página do caderno “O

⁶ BERLINCK, Deborah. A lei e suas controvérsias. *O Globo*, caderno O Mundo. Rio de Janeiro, 25/03/2006, p. 45.

Mundo”, em uma das suítes sobre as inúmeras manifestações feitas pelos estudantes contra o projeto do governo. As imagens mostram carros destruídos e invasões a supermercados em um protesto que os estudantes gostariam que fosse pacífico. Curiosamente a matéria começa com o diálogo entre o proprietário de um dos carros destruídos que pergunta o que fazer a um agente de polícia. O policial responde: “Ligue para o seguro”.

Na cobertura do jornal O Globo sobre os acontecimentos na França e suas repercussões na Europa e no mundo, um outro aspecto também ficava claro nas vozes de líderes das mais diferentes frentes políticas de diversos países: o trabalho na contemporaneidade deve ser, urgentemente, objeto de reflexão. No entanto, a violência foi mais valorizada pelos jornais como retrato da sociedade. Entre as matérias selecionadas para servirem de exemplo neste artigo, destacamos, uma publicada em 19 de março de 2006, na página 50 da editoria O Mundo, no jornal O Globo. Intitulada “Protestos contra nova lei se ampliam na França”, a reportagem mostrava que o centro da cidade de Paris havia sido paralisado, no dia anterior, pela greve que também aconteceu em outras partes do país. Em Paris, a principal passeata desse dia foi pacífica em quase todo o trajeto, mas acabou em baderna ao chegar à Praça da Nação. As fotos do jornal O Globo enfatizaram esse lado violento que tomou o final da manifestação, mostrando imagens de carros em chamas e de jovens detidos. Já no dia 25 de março, o Globo abordou o perigo ao turismo que as manifestações poderiam trazer, mas os entrevistados estrangeiros pareciam excitados com o fato de conhecerem uma “verdadeira” Paris, apesar do espanto, especialmente dos norte-americanos, com o fato de a polícia “ter deixado acontecer tanta destruição”.

Ao mesmo tempo, também se intelectualizou sobre os conflitos no mesmo jornal. Em edição de 25 de março do caderno Prosa&Verso, as páginas 1 e 2 foram preenchidas pela discussão em torno dos episódios, inclusive, com entrevista a dois escritores argelinos, Yasmina Khadra e Mehdi Charef, que insistiram na necessidade de maior valorização social e cultural dos filhos dos imigrantes na França. No dia 26, entre outros títulos, lia-se no primeiro caderno: “Jovens ignoram convite de Villepin. Líderes estudantis faltam a reunião com premier francês”; era mais uma forma que os estudantes haviam encontrado para dizer ao país e ao mundo que eles continuariam em movimento

até que o governo voltasse atrás em relação à CPE. Nesse momento, jovens, intelectuais, artistas, políticos de posição e da situação deixavam claro seu descontentamento com a promulgação da lei. O governo e, especialmente, o Primeiro Ministro Villepin estavam contra a parede.

O mês de abril teve um início bastante movimentado e cheio de manifestações em Paris. O Presidente Chirac chegou a promulgar a lei e teve de voltar atrás alguns dias depois, já que nenhuma de suas propostas de adaptações na lei contou com a aprovação dos estudantes e dos sindicalistas. Em editorial no dia primeiro de abril, O Globo previa o inútil adiamento da resolução do problema por mais tempo. Durante os dias seguintes, a mesma temática envolvia as manchetes do Globo: “Governo francês recua em reforma trabalhista” (04/04/2006, p. 28); “Jovens se reúnem com deputados mas protestos continuam” (07/04/2006, p. 48). Até o dia 10 de abril as manifestações se repetiram assim como o destaque da violência na mídia. Em 11 de abril, O Globo noticia que, finalmente, Chirac havia recuado diante de protestos e greves contra o CPE, deixando, assim, seu possível sucessor, Villepin, bastante desgastado. No dia seguinte, a manchete era vibrante: “Estudantes fazem a marcha da vitória na França” (12/04/2006, p. 37). No entanto, as manifestações ainda aconteceram ao longo do mês com episódios de invasão ao jornal La Tribune em 18 de abril e mesmo uma nova ocupação na Sorbonne no dia 24 de abril. Nos dois casos, os estudantes foram retirados pela polícia horas depois da ocupação do Salão de Honra da Universidade.

Em todos esses exemplos percebemos inúmeras representações sobre a violência urbana (saques, incêndios, destruição do patrimônio privado e agressões físicas) ocupando de forma marcante as páginas dos jornais. Para a mídia, a violência cresce cada vez mais como ponto referencial dos movimentos urbanos. Muitos eventos sociais, independente de sua natureza, perdem seu foco, sua razão, ao serem noticiados. No caso dos protestos estudantis e sindicais na França, a cobertura jornalística se ocupou em demasia com questões sobre a violência gerada pelos protestos, em detrimento da razão central do movimento, os direitos trabalhistas.

Últimas considerações

A análise das representações sociais construídas pela mídia impressa em torno da violência constitui-se como o objeto de estudo deste artigo. Para isso, trabalhamos com um jornal de grande importância quanto à formação da opinião pública: O Globo. O período da análise compreendeu as edições diárias entre março e abril de 2006.

O Brasil é um dos países do mundo com a maior índice de desemprego, além de profundas crises trabalhistas, como sub-emprego e até mesmo a existência de mão-de-obra escrava.⁷ Esse é um dos dados que nos estimulam a convidar a imprensa e a academia a juntarem esforços para provocar novas reflexões sobre o mundo do trabalho. Afinal essa é a grande causa que levou os jovens franceses às ruas nos dois meses estudados. Entretanto, temos deixado que a violência *per se* instale-se no imaginário urbano como eixo principal de condução de comportamento. O medo, o risco, a falta de segurança parecem ser o ponto comum das grandes cidades do mundo.

Enfatizamos que é nossa intenção com este texto reacender a discussão sobre os fenômenos da violência urbana narrados na mídia, associando os dados obtidos à teoria da comunicação e às ciências sociais. Como já foi dito anteriormente, O Globo é um importante veículo de formação de opinião junto a segmentos expressivos das cidades brasileiras que, por sua vez, são individualmente também formadores de opinião. Os produtos desta proposta acontecem do casamento entre teoria e fatos do cotidiano, mas nenhum resultado se esgota em si mesmo dada a natureza do estudo desenvolvido. A idéia principal que norteou nosso desejo em escrever este paper reside justamente na possibilidade de poder abrir novas portas, novos dados e novas interpretações sobre a influência da violência narrada na mídia na construção do imaginário da metrópole contemporânea.

⁷ A taxa de desocupação no mês de março deste ano foi de 5,9% entre as pessoas economicamente ativas, sendo que 21,4% da população ocupada não está realmente empregada por não possuir Carteira de Trabalho assinada. Dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) realizada pelo IBGE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILAR, Miguel Angel. Espacio Público y prensa urbana in CANCLINI, Nestor García (org.) *Cultura y comunicación en la ciudad de México*. México, Grijalbo, 1998, p. 84-125.
- BAUDRILLARD, Jean. La transparence du mal – essai sur les phénomènes extrêmes. Paris, Galilée, 1990.
- BAUMAN, Zygmunt. Globalização, as conseqüências humanas. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.
_____. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.
- BONNEWITZ, Patrice. Classes sociales et inégalités: stratification et mobilité. Rosny, Bréal, 2004.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo, EDUSP/Editora 34, 2000.
- CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1995.
_____. A globalização imaginada. São Paulo, Iluminuras, 2003.
- CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica – ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo, Studio Nobel, 1993.
_____. Culturas extremas – mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.
- CONTRERA, Malena. Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo, Annablume, 2002.
- DEBORD, Guy. La société du spectacle. Paris, Gallimard, 1992.
- DURAND, Gilbert. Les structures anthropologiques de l'imaginaire. Paris, Dunod, 1992.
_____. L'imaginaire – essai sur les sciences et la philosophie de l'image. Paris, Hatier, 1994.
- FOUCAULT, Michel. Surveiller et punir, naissance de la prison. Paris, Gallimard, 1975.
- FREITAS, Ricardo F. Centres commerciaux: îles urbaines de la postmodernité. Paris, L'Harmattan, 1996.
- HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.
- LESSA, Carlos. O Rio de todos os Brasis. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. Dinâmica da violência. São Paulo, Vértice, 1987.
_____. No fundo das aparências. Petrópolis, Ed. Vozes, 1996.
_____. La transfiguration du politique – la tribalisation du monde. Paris, Grasset, 1992.

_____. O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.

_____. La part du diable: précis de subversion postmoderne. Paris, Flammarion, 2002.

_____. Le rythme de la vie: variations sur les possibilités postmodernes. Paris, La Table Ronde, 2004.

MORIN, Edgar. La méthode - I. La nature de la nature. Paris, Editions du Seuil, 1977.

_____. La méthode - 5. L'humanité de l'humanité. Paris, Editions du Seuil, 2001.

_____. La méthode - 6. Ethique. Paris, Editions du Seuil, 2004.

_____. Sociologie. Paris, Fayard, 1984.

MORIN, Edgar & KERN, Anne B. Terre-Patrie. Paris, Seuil, 1993.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis, Ed. Vozes, 2003.

_____. La machine à faire des dieux. Paris, Fayard, 1988.

PERETTI-WATEL, Patrick. La société du risque. Paris, La découverte, 2001.

_____. Sociologie du risque. Paris, Armand Colin, 2000.

SENNETT, Richard. Carne e pedra – o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro, Record, 1997.

_____. La ville à vue d'oeil. Paris, Plon, 1992.

SHIELDS, Robert. Lifestyle shopping – the subject of consumption. New York, Routledge, 1992.

SIMMEL, Georg. Le conflit. Paris, Circé, 1992.

_____. Philosophie de la modernité. Paris, Payot, 2004.

SODRÉ, Muniz. O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia. São Paulo, Cortez Editora, 1992.

_____. Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos. Petrópolis, Ed. Vozes, 1996.

WEBER, Max. L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme, Paris, Plon, 1964

_____. La ville. Paris, Aubier Montaigne, 1982.